

## **AOS DOUTORES DA FACULDADE DE MEDICINA DE SOROCABA**

Faz seis anos que aqui nos encontramos pela primeira vez.

Vocês, jovens demais, com pouco conhecimento da vida, vindos de lugares diferentes para uma cidade desconhecida; cidade em que rostos, nomes de praças e ruas não tinham nenhum significado, não evocavam nenhuma tradição.

Aqui chegaram estranhos, sozinhos, vazios, sem lenço nem documento.

Sabiam, apenas, que navegar é preciso. Mas, aos poucos ao longo dos anos, aprenderam que, mais importante que navegar, viver é preciso.

Navegar é, simplesmente, deslizar pela superfícies. Viver é mergulhar profundamente no mundo e participar de suas incertezas, decepções, sonhos, desilusões, tristeza, alegrias, e colaborar ativamente para a construção da beleza que a vida pode oferecer.

No início, formavam, apenas, um ajuntamento de pessoas; grupo amorfo, sem coesão ou identidade; aos poucos, porém, ao longo do trabalho e estudo diários, da convivência cotidiana- por um processo de amorização -se transformou neste grupo de hoje, coeso, amadurecido, profundamente interligado por laços culturais e afetivos.

O tempo ensinou-lhes a viver. O tempo tem este poder. É capaz de tudo. O tempo encerra a magia do fazer. O tempo que aniquila é o mesmo que cria, transforma e faz renascer tudo que existe, num eterno retomo.

Foi o tempo que corroe as Pirâmides do Egito, derrubou os Jardins Suspensos da Babilônia e jogou ao mar o Colosso de Rodas.

Criou culturas e civilizações e, um dia, impiedosamente, apagará da face da terra a memória do homem.

O tempo já existia ao momento zero da criação e será o tempo que vai apagar a última estrela dos céus quando o mundo se acabar em frio ou fogo.

Nestes seis anos de curso o tempo os transformou.

Aprenderam a cuidar de si e das pessoas e coisas ao seu redor.

Aprenderam a conviver com novos amigos, mas, também, com ambientes e pessoas estranhos, nem sempre amistosos. Sentiram de perto como é difícil e dispendioso manter um casa e dar ao filho uma educação profissional de alta qualidade.

Neste tempo, sentiram de perto a vida em toda sua plenitude.

Conviveram com a cultura e a alegria, mas, também, com a pobreza e o sofrimento. Pessoas sofridas, desprovidas de tudo, sem nenhuma proteção financeira, política ou social; pessoas que gostavam de estar internadas num hospital público, onde dispunham de 4 refeições por dia, da presença solícita e carinhosa de uma enfermeira que procurava minorar a dor de uma injeção com palavras e um floco de algodão molhado em álcool; hospital em que recebiam todo dia a visita do médico e estudantes que, além de com ele aprenderem, procuravam, também, aliviar sua dor e angústia e reacender sua esperança.

Conheceram pessoas pobres que receberam da vida mais tranqüilidade e conforto para morrer que para Viver.

Aqui aprenderam que para cuidar de um homem que sofre é preciso examiná-Lo com a visão penetrante do estudioso, mas, ao mesmo tempo, com o olhar carinhoso do amigo.

E, agora, vocês partem. Mas não partem vazios como chegaram.

Agora, levam na mão um documento que pode lhes abrir mil portas e caminhos e, no bolso, escondido, um lenço para disfarçar uma eventual, furtiva lágrima.

Partem, mas levam consigo um caleidoscópio de recordações, uma profusão de amigos, um mundo inteiro de afetos. Levam consigo um pouco de cada um de nós e deixam conosco, em cada um de nós, muito de cada um de vocês.

Partem, mas não partem vazios como chegaram.

Agora, partem como depositários: depositários da nossa fé, depositários da nossa esperança, depositários do nosso orgulho, depositários do nosso amor.

Hudson Hubner França - In memoriam